

Entre caricaturas e trocadilhos:
Raul Pederneiras e seu passeio pelas linguagens.

ROGÉRIO SOUZA SILVA*.

Raul: Múltiplo e uno.

Nascido em 1874 no Rio de Janeiro, Raul Paranhos Pederneiras pertenceu há uma família onde as letras e as artes sempre estiveram presentes. Ele foi, por exemplo, irmão do poeta Mário Pederneiras. Como muito jovens de sua geração cursou direito e ao longo de sua vida exerceu atividades relacionadas a essa área, como professor, formando advogados na Universidade do Brasil, escrevendo um livro sobre direito internacional e, por um período, tendo sido delegado de polícia. Ao mesmo tempo, Raul era um homem de inúmeras outras áreas. Foi caricaturista (o que deu a ele notoriedade), poeta, teatrólogo, compositor, publicitário e jornalista (exerceu o cargo de presidente da Associação Brasileira de Imprensa por dois mandatos). Um pouco como Ulrich, personagem de Robert Musil em *O homem sem qualidades*, Raul transitava entre o mundo de linguagem erudita do XIX e o da explosão de um conjunto de linguagens ordinárias que vão mostrando a sua relevância já no início do século XX. Ou seja, o Raul que em 1931 lançou seu livro *Direito Internacional Compendido* era o mesmo que nove anos antes publicava a primeira edição de seu dicionário de gírias intitulado *Geringonça carioca*. O pintor Raul, estudioso das belas-artes, era o mesmo Raul da caricatura em jornais e revistas. O poeta Raul influenciado pelo simbolismo também fez trocadilhos nos seus textos e caricaturas nas publicações semanais onde atuou.

• Professor licenciado da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientado pela Prof. Dr. Heloísa de Faria Cruz. Agência financiadora: CAPES.

Sobre a caricatura de Raul Pederneiras pode-se vê-la como um elemento de junção de tantas outras atividades as quais o autor esteve ligado. Na caricatura de Raul o trânsito entre as linguagens e sua quebra de fronteiras se faz presente. Em 1928 o autor lançou um livro chamado *Figurações onomásticas: nomes que fazem figura...* Ali foi feito um conjunto de exercícios a lápis onde o autor reduziu nomes de homens, mulheres e animais às formas figuradas. Por exemplo, nomes femininos (Valentina, Esther, Carlota) ganhavam diferentes formatos de corpos curvilíneos, obesos ou delgados. Assim, desde 1898, quando Raul publicou seu primeiro trabalho caricatural na revista *O Mercúrio*, essa característica o acompanhou (até por isso, como no parágrafo acima, pode-se dizer que o Raul de 1922 e o Raul de 1931 eram os mesmos, pois o artista teve características muito estáveis – com mudanças pontuais, sutis e lentas). Quebras das fronteiras entre as linguagens, palavras que se tornam imagens e imagens que se tornam palavras. As suas crônicas, particularmente, nos primeiros tempos da *Fon-Fon!* e na *Revista da Semana*, da década de 1920, também mostravam essa dança entre linguagens. O trocadilho, a rima e outras formas de astúcias verbais estavam presentes em seu estilo. Isso está ligado àquilo que Certeau denominou *artes de fazer* ou *maneiras de fazer*. Onde o caminhar, o falar, o ler, o escrever, o comer estão dentro e um conjunto de práticas cotidianas e por meio de táticas desafiariam as estratégias colocadas pelos poderes dominantes. Esse desafio passaria por apropriações e quebras sutis das regras estabelecidas. No caso de Raul Pederneiras seus desafios e quebras eram bastante múltiplos. Como mostra Mônica Velloso, Pederneiras e outros intelectuais cariocas que estavam à margem das grandes instituições oficiais de saber do Brasil daquela época (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras) fizeram uso da caricatura, da sátira e do humor como caminhos de questionamentos. Ao lado de Raul havia nomes que iam de um Bastos Tigre a um Lima Barreto, que usaram os elementos do riso contra os poderes vigentes no campo do saber (e, conseqüentemente, contra as formas de poder as quais esse campo se associava).

Apesar de concordar com parte das idéias apresentadas pela autora acima citada, penso que há caminhos bastante tortuosos na inserção de muitos desses autores nos questionamentos em relação ao *status quo* do saber da época. Particularmente, no que diz respeito ao autor que é tema desse artigo. Ao referir-se as postura da revista *D. Quixote* durante os anos de 1917 e 1918, quando o Brasil esteve em estado de guerra,

Mônica Velloso mostra como essa publicação decretou que o humor não poderia ser abolido devido a esse fato (Raul aparece na análise como um dos caricaturistas apóiam tal posição). Essa polêmica ocorre porque muitas publicações, em especial a *Revista da Semana*, adotam uma postura de não publicação de caricaturas e texto de humor. Curiosamente Raul Pederneiras atuava nas duas publicações. Na sua coluna de caricaturas na *Revista da Semana*, no período citado, o autor desenha apenas imagens de tristeza em relação ao conflito na Europa – negando as caricaturas. Desse modo, podemos chamá-lo de um “autor em edição”. Ou seja, há nele uma adaptação a diferentes demandas editoriais. São inúmeros seus trabalhos como ilustrador; com J. Carlos, por exemplo, fez as ilustrações do livro de educação infantil *Locuções, prolóquios e pensamentos* (1915), de João Kopke. Procuravam-no, constantemente, em busca de seu talento como ilustrador: “(...) e se lhe pede uma capa para um livro, responde na sua voz velada, apagada, mas com accents tão firmes e sinceros: “Pois não, meu velho! Deixa ver o título...” E não se limita a isso. No dia seguinte, de facto, manda a capa!” (PEDERNEIRAS, 1935.)

O autor possuía um grande mercado, era um desenhista por encomenda. Encarnava aquilo que Benjamim chamou de autor como produtor. O que leva a pensar no artista dentro das relações de produção em uma sociedade capitalista. Contudo, essas características não eliminaram os traços próprios de suas criações visuais.

Raul Pederneiras demonstrava uma enorme habilidade em transitar entre linguagens e exigências editoriais diferentes. Esses esclarecimentos colocados no parágrafo anterior são necessários, pois o texto analisará nas próximas páginas dois aspectos de sua produção artística: os textos de humor e as caricaturas, que serão os melhores elementos para entender a dança que Raul realizava entre várias linguagens e a relação com o local (Rio de Janeiro) e o contexto histórico (início do século XX) a qual ele pertenceu. A modernização da Capital Federal foi um elemento impactante em termos locais e também foi fruto de toda uma dinâmica global nos quais diferentes setores do pensamento expressam esses processos. No caso específico do humor de Pederneiras houve uma busca de entendimento crítico onde palavras e imagens entravam em um constante processo de choque dentro de um espaço urbano que se alterava e trazia novas dinâmicas de interação social, mudando as noções de tempo e a

forma de sentir o espaço. Assim, serão discutidos: os jogos de palavras (trocadilhos) e em seguida exemplos de sua percepção caricatural sobre a política.

As palavras, seus sentidos diversos e desconcertantes

Em *As palavras e as coisas* Michel Foucault analisa um conjunto de transformações na passagem do século XVIII para o XIX, onde na biologia, na economia e no estudo das línguas, descobriam-se, respectivamente, que os organismos, as moedas e as gramáticas tinham atrás de si estruturas. Assim, como o autor conclui, as palavras desvinculavam-se cada vez mais de suas representações. Na época de Raul Pederneiras esse processo encontra-se plenamente constituído e já atingido amplos ramos de conhecimento. Da filosofia de Nietzsche à poesia de Mallarmé percebia-se como a linguagem era um elemento constitutivo fundamental do homem. Poder-se-ia também falar da obra *Curso de lingüística geral* (1916) de Ferdinand Saussure, onde distintos elementos da linguagem são tratados e praticamente fundaram os estudos de lingüística que marcariam todo o século XX. Juntamente com esses fatores deve-se acrescentar todo um conjunto de mudanças na vida do homem moderno marcadas pelas transformações tecnológicas trazidas pela Segunda Revolução Industrial. Como inúmeros estudos já mostraram, esse período foi marcado por uma expressiva expansão de capitais, um gigantesco fluxo de imigrantes europeus rumo às Américas, um crescimento significativo das cidades em todo globo, invenções tecnológicas impactantes, como carros, cinema, eletricidade. Ao lado desses fatores, o imperialismo europeu na África e na Ásia entrava no seu auge, apoiando-se em idéias baseadas no racismo científico. Todos esses fatores de conjunto tiveram um papel central na percepção de mundo das pessoas que testemunharam essa época e as diferentes linguagens foram atingidas por elas.

No caso específico do Brasil, somava-se a isso uma república recém proclamada e grandemente frustrante, uma abolição que não veio acompanhada de justiça e inclusão para a população negra ex-escrava e um estado e uma elite política que ansiavam por um modelo de civilização e modernidade que deveriam ser importadas do mundo do

Atlântico Norte. É neste cenário que, por volta dos seus vinte e quatro anos, Raul publicou a sua primeira caricatura (ele já havia feito textos de humor) em 20 de julho de 1898, na revista *O Mercúrio*. Nessa composição de estréia o autor marcaria o seu estilo: trocadilhos, frases curtas, análise dos valores tradicionais em sintonia com as novidades da época. Nela aparecem dois personagens, um idoso bem trajado e uma bela jovem, os dois estão em um cenário urbano. O primeiro diz em tom de flerte: “– A senhora quer tomar alguma coisa?” ela responde rapidamente e assustada: “ – Quero, sim. O bonde.” (*O Mércurio*: Apud: LIMA, 1963, p. 989). Desde então o caricaturista trilharia uma brilhante carreira. Na *Revista da Semana* seus desenhos marcariam essa publicação durante muitos anos. Porém, foi na revista *Fon-Fon!*, ao lado de K. Lixto e Luis, que o autor alcançou sua maturidade como caricaturista e cronista de humor. Essa publicação começou a circular no Rio de Janeiro em abril de 1907. A sua primeira caricatura apareceu na seção *Cabeça de Turco*, onde expunha um *portrait-charge* de Fradique Mendes. Nesta seção eram analisados com caricaturas e frases laudatórias ou irônicas figuras ilustres da época. O semanário *Fon-Fon!* surgiu com a proposta de ser: “(...) alegre, político, crítico e esfusante.”. Sendo um veículo de reflexão humorística em relação ao estado de coisas da República, ele se manifestava naquilo que aparecia como a encarnação da modernidade e dos avanços tecnológicos, o automóvel. Sua buzina (fon-fon), sua velocidade, que se refletia na linguagem dinâmica, foram as características que tal publicação abraçou em seus primórdios.

Um dos primeiros combates empreendidos por *Fon-Fon!* foi em torno do projeto de reforma ortográfica apresentado em 1907 - com apoio da Academia Brasileira de Letras - e concluído em 1912. A revista procurava mostrar a superficialidade de tal reforma e na seção *Fragmentos do “Novo Dicionario”* apresentava aos seus leitores as características amplas das palavras e como elas poderiam ser interpretadas das mais variadas maneiras. Na apresentação de suas primeiras definições (nono número do ano um) foi escrita uma irônica dedicatória: “Á douta Academia de Letras que tão sabiamente compreendeu a reforma da língua.” Essa seção não era assinada. Ali estavam presentes um pouco dos três colaboradores da revista, especialmente em seu primeiro ano: Raul, Luis e K.Lixto. Contudo, pode-se concluir, que a colaboração de Raul Pederneiras para esse dicionário foi das mais importantes. Ele era o mestre dos trocadilhos, do entendimento amplo e dúbio das palavras e, acima de tudo, era um

filólogo, pois, como já foi colocado, ele publicou um dicionário de gírias. É importante analisar esse *Novo Diccionario* porque as palavras ali colocadas aparecem dentro de seu contexto histórico. Nas quase quarenta edições que foram pesquisadas os verbetes podem ser vistos pelo seu viés político (quando havia a intenção de se criticar algum aspecto do regime republicano ou algum de seus dirigentes), em seguida os que apontavam confusões etimológicas, quando palavras com grafias idênticas tinham as suas definições mescladas e, por fim, as de características sócio-culturais (quando uma palavra era fruto de percepções sociais novas que se desenharam no início do século XX).

Definições Políticas:

Mantendo uma posição crítica em relação ao jogo de poder do período o *Novo Diccionario* explica a palavra deputado:

“Deputado – Relógio parlamentar que só regula quando o governo dá corda. Um giro de ponteiro custa 75\$000.”

É do conhecimento de muitos estudiosos do período que o vice-presidente e depois presidente (após o falecimento de Afonso Pena) Nilo Peçanha era um homem que possuía origem negra. A *Fon-Fon!* ironizava o esforço de ocultação de sua origem racial que este político fez ao longo de sua carreira. Muito provavelmente, as formas de racismo que vigoravam na época levaram não só ele, mas também outros negros e mulatos a esse tipo de comportamento, assim o seu primeiro nome é definido como:

“Nilo – Rio africano de origens desconhecidas que atravessa o Estado do Rio de Janeiro e desemboca na vice-presidência da Republica. Dizem que é um presente do céu; outros do Pinheiro Machado.”

Acima fez-se referência ao nome do influente senador gaúcho Pinheiro Machado. A palavra *pinheiro* aparece como:

“Pinheiro – Vegetal de grande influencia na política brasileira; há duas variedades, a rio-grandense e a mineira. Produz o pinho que é da Bahia.”

O comportamento político da época baseado na troca de favores, apoio irrestrito aos aliados, apropriação do espaço público com interesses privados, pessoalidade no poder ou, numa palavra, apadrinhamento, fez com que os homens mais críticos de então não considerassem aquela como sendo a República dos sonhos. Assim, a figura do padrinho é definida:

“Padrinho – Sujeito que leva os meninos á pia e os grandes á teta ... do Thesouro.”

O homem que cuidava das finanças do Brasil no governo de Afonso Pena, David Campista, aparece encarnando outros personagens históricos:

“David – Rei dos Judeus que pintava quadros e faz folhetins e saldos orçamentários.”

Os movimentos políticos também eram redefinidos:

“Conjuração – Conspiração para tirar o diabo do corpo.”

O então presidente da Republica, Afonso Pena, não escapou a esse dicionário. Particularmente, o apanágio que os presidentes brasileiros dessa fase da história republicana tinham na nomeação de deputados e senadores foi aqui bem definido:

“Penna – Instrumento aguçado de aço que dirige a Nau do Estado, e com cujo os bicos se fabricam deputados e senadores.”

A seguir dois nomes importantes do governo de Afonso Pena, também aparecem nesse jogo de palavras, que reinterpreta seus sentidos para tentar descobrir verdades. Diz-se sobre o general Pecegueiro (assessor dedicado do Barão do Rio Branco):

“Pecegueiro – Vegetal insaciável que nasce á margem do Rio Branco.”

Hermes da Fonseca (ministro da guerra) foi vítima de um trocadilho perfeito, onde seu nome e o panteão de divindades da antiguidade clássica estão presentes:

“Hermes – Deus do Commercio que tomou o lugar de Marte no ministério.”

O próprio regime político que passou a vigorar no Brasil a partir de 1889 também não poderia escapar a esse jogo de palavras. Afinal, as críticas de *Fon-Fon!* tinham como alvo a natureza contraditória do próprio regime. Desse modo, ele seria simplesmente definido, como:

“Republica – Forma de governo que usam os estudantes.”

Por fim, um certo desmascaramento do regime que se afirmava promotor do progresso, modernidade e civilização aparece dentro desse verbete, onde a sua natureza violenta e anti-democrática fica evidente, pois as disputas de poder em diversos lugares do país tinha no uso da força seu fator central:

“Cabala – tradição mágica que dá sorte nas eleições.”

Confusão etimológica:

Aqui as palavras são desconstruídas diante da sua obviedade, o contexto histórico no qual elas são colocadas dá e tira lhes seus sentidos; nomes de países e acidentes geográficos e outros termos que, muitas vezes, chocam-se com as suas origens etimológicas.

“Capadocio – Vagabundo natural da Capadocia.”

“Devassa – Processo sem vergonha”

“Bengala – Golfo que a gente sai a passeio quando não chove.”

“Abrolhos – Archipelago espinhoso que manda agente ficar alerta.”

“Maxima – Pensamento enorme.”

“Lingua – Idioma que se come fresco ou em salmoura. Pode ser boa ou má. Também há a de prata.”

“Interno – Sujeito (sic) de avental que está dentro de nós.”

“Cuba – Vasilha de páu que tem por capital Habana. Serve para os Americanos.”

“Humano – Irmão do homem”

“Bacia – Vaso redondo para o qual convergem as águas.”

Verbetes de cunho sócio-cultural:

Finalmente, nesta classificação as palavras unem os seus sentidos etimológicos ao contexto sócio-cultural no qual elas são redefinidas. Nessa redefinição há uma crítica bastante certa em relação a aspectos de promessas não cumpridas, seja do regime republicano, seja da modernidade.

“Repartição Publica – Albergue diurno.”

“Caracter – Signal graphico pouco usado hoje em dia.”

“Continencia – Abstinencia de certos prazeres que fazem os militares”

“Juizo – Faculdade de julgar as cousas que tem todo mundo, e as cousas, que tem alguns sómente. Muito raro hoje em dia.”

“Carne – Inimigo da alma segundo a cartilha, que se vende nos açougues.”

“Estrella – Dama de café concerto que anda por sobre nossas cabeças e quase sempre é filante.”

“Reserva – Gente velha que na Guarda Nacional só pega em armas em caso de necessidade.”

“Taxa – Pergaminho chato que se paga ao fisco.”

“Crítica – Maledicência litteraria. Diz-se da idade em que a gente não regula mais.”

“Brahma – Divindade da cerveja que grita.”

O *Novo Dicionário* com suas colocações hilárias demonstrou o poder das palavras. Além de usar esse rearranjo de definições no intuito de desmascarar aspectos políticos e sociais de uma república e de um processo modernizador marcados por um nível elevado de superficialidade. A *Fon-Fon!* nos seus primeiros anos exerceu bem essa função. Ali Raul Pederneiras desenvolveu caricaturas e textos de humor que demonstravam seu talento para olhar as características de uma modernidade desalinhada.

Raul Pederneiras e a República das Ilusões Perdidas.

Como já foi colocado, Raul Pederneiras mantém ao longo de sua carreira como caricaturista e autor de textos de humor características que se estenderam ao longo de mais de cinco décadas. Os trocadilhos, as frases curtas e certeiras, imagens que se transformam em palavras e vice-versa são as marcar de seu estilo. Ele percebia como as linguagens estavam presentes nos aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos. Como muitos intelectuais de sua geração ou, mais precisamente, intelectuais humorista, Raul teve na República sua principal fonte de inspiração. “Esta não é a república dos meus sonhos” foi uma frase comum que aparecia escrita em diferentes publicações ilustradas da época. Um retrato de pessoas que viram a consolidação do regime e a sua rápida degradação.

Para Raul a política deveria ser um conjunto harmônico de idéias e ações. No entanto, a experiência republicana brasileira mostrava exatamente o contrário. Esses fatores surgem com bastante clareza nos seus textos e caricaturas. Como já foi colocado, na *Revista da Semana* o autor teve grande parte de sua carreira como caricaturista e jornalista. Esse semanário (criado em 1900), ligado ao *Jornal do Brasil*, desempenhou um papel significativo fazendo um relato da sociedade carioca e brasileira do início do século XX. Dentre tantos de seus caricaturistas no começo de sua história pode-se destacar os nomes de Amaro, Isasi e Bambino, que desenhavam grande parte de suas capas e do conteúdo interno. Já em seus tempos iniciais Raul tinha uma significativa colaboração para essa publicação por meio de desenhos e poemas. No final do ano de

1904 ele legou para a memória nacional desenhos muito interessantes sobre a Revolta da Vacina. Alguns desses publicados depois desse processo, pois devido aos tumultos ocorridos na Capital Federal a *Revista da Semana*, ao lado de outros órgãos de imprensa, foi vítima da censura. Muitas dessas composições de humor visual criticavam, ao mesmo tempo, a reação da população e as atitudes do governo. Oswaldo Cruz foi um dos alvos principais do lápis do artista. Nessa mesma época seu talento também aparecia na revista *Avança!*. Em uma de suas edições, contraditoriamente, o caricaturista foi caricaturizado por um de seus melhores amigos e companheiro de trabalho, K.Lixto Cordeiro, que surge ao seu lado no desenho. Raul aparece em uma posição de combate segurando um pincel gigante tendo a sua frente o então presidente Rodrigues Alves e todos os seus aliados. O curioso desse desenho, onde Raul aparece combativo, é a imagem que muitos tinham dele como o caricaturista ingênuo e sem maldade. O próprio K.Lixto, em uma entrevista ao *O Globo*, mais de cinquenta anos depois, descreve seu amigo e ex-companheiro de trabalho, já falecido nessa época, da seguinte maneira:

“Raul foi um caricaturista *sui generis*. Não há no mundo inteiro exemplo de um caricaturista que não tivesse ferido fundamente a alguém e semeado inimigos ou simples desafetos. Raul foi o único: suas charges, seus bonecos, não passavam da ironia e do humorismo e sempre sem maldade. Ele manteve essa linha durante toda a sua atividade e morreu sem inimigos” (LIMA, Vol. III, 1963, p. 1012.)

Essa afirmação é importante para se entender aspectos do estilo de Raul. No entanto, essa ausência de “maldade” da qual é feita referência na citação deve ser questionada, pois suas caricaturas possuem uma série de sutilezas captadas apenas em uma análise mais densa.

Assim, Raul Pederneiras com seus trocadilhos e caricaturas astuciosas era certo nas suas críticas ao estado de coisas do país. Ele estava longe de ser um revolucionário. Nas suas percepções políticas e sociais mesclam-se elementos progressistas e conservadores. Ao longo de sua carreira como caricaturista o autor abraçou determinadas posições (em sintonia com as tendências editoriais das revistas em que trabalhou). Foi, por exemplo, um admirador de Rui Barbosa, fazendo caricaturas laudatórias desse político quando de sua participação na Conferência de Haia, ou

quando o mesmo concorreu a Presidência da República em mais de uma ocasião – em detrimento de seus adversários - ou simplesmente elogiando sua dita capacidade intelectual, sempre o retratando com uma cabeça descomunal. Na política internacional Raul, como muitos de seus contemporâneos, demonstrou simpatia por aspectos da Tríplice Entente durante a Primeira Guerra e, por conseguinte, uma oposição à Alemanha. Como era comum a uma parte da intelectualidade brasileira, sua visão sobre o crescimento de poder dos EUA e o seu *modus operandi* causavam-lhe estranhamentos. Todos esses fatores ficaram bem expressos em suas caricaturas.

Raul Pederneiras via através da linguagem cômica a tragédia política na qual a nação estava envolvida. Havia um descompasso claro entre as promessas iniciais da República e a realidade do regime. O *Zé Povo* desenhado por Raul fazia observações nesse sentido. A imagem da República encarnada em uma mulher branca e de barrete frígio verbalizava isso em diferentes caricaturas, seja na *Fon-Fon!*, n’*O Malho*, na *Revista da Semana* e em outras. Esta mesma personagem foi também desenhada como uma senhora já idosa e cansada pelo destino que as lideranças políticas do país deram a ela. Portanto, a prática política na visão de Raul foi sempre vista com pessimismo. No texto *Legisladores*, que apareceu em *Fon-Fon!* em 1907, ele descreve o círculo vicioso da política brasileira:

“1 – Antes da eleição (na província)

Na camara eu serei o defensor dos interesses do Estado. Hei de baterme ferozmente para que a Federação seja uma realidade, seja a consolidação do Ideal republicano.

2 – Depois de eleito (na Capital)

Hoje não posso ir a sessão, tenho um delicioso rendez-vous com dois olhos negros tentadores.

- Olha, é natural que eu não possa ir tão cedo á sessão. Preciso descansar um pouco. Vou fazer uma estação de aguas em Caxambu durante três mezes, e depois sigo para a Europa, numa pequena viagem de recreio de ... dous annos.

3 – No fim da legislatura (Noticia dos jornaes)

- “Chegou hontem da Europa Sr. Deputado Beltrão, que foi recebido por grande numero de amigos e conhecidos. S. Ex. volta amanhã mesmo para o seu Estado natal, afim de tratar de sua próxima eleição”.

Em seus momentos mais críticos as caricaturas e textos humorísticos de Raul sempre apontavam para uma crise na modernidade e nos valores que a cercavam. O artista via a versão tropical daquilo que, décadas depois, Richard Sennet analisaria na realidade do mundo do Atlântico Norte, apontando para um desmoronamento na ação política e na relação dos cidadãos com o espaço público. Na visão de Raul haveria também uma crise de linguagens. Numa realidade, como a do Brasil dos primeiros tempos do século XX, qual o sentido de palavras, como: República, democracia, eleições, deputado, entre outras. Na segunda parte desse texto ficou evidente como era possível mudar o sentido de todos esses termos. Essa crise de linguagens fica evidente quando o *Zé Povo* faz uso das gírias e a elite de uma erudição vazia (nunca é demais lembrar a preocupação do autor com as diferentes formas de se expressar na língua portuguesa).

Quando se analisa a produção caricatural de Raul em diferentes publicações semanais, nota-se que a caricatura de cunho político tem um papel relevante. Porém, quando se observa as caricaturas do autor, particularmente, na *Revista da Semana* dos anos vinte a política vai perdendo, gradualmente, força e as imagens caricaturais do meio urbano, suas práticas, a relação com as novidades modernas vão aparecendo com mais frequência. Teria sido uma desilusão com a política do período e com os rumos do país? Na atual fase dessa pesquisa ainda não há uma resposta para essa questão.

Bibliografia

Obras escritas por Raul Pederneiras

Pederneiras, Raul. *Direito internacional compendiado*. Rio de Janeiro, 1931.

_____. *Figurações onomásticas: nomes que fazem figura...* Improvisos da lápis de Raul. Rio de Janeiro, 1928.

_____. *Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do “Jornal do Brasil”, 1922.

_____. *Lições de caricatura: método de Raul*. 3ª. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1946.

_____. *Musa travessa: ruma de rimas sem rumo*. Oficinas Graficas do “Jornal do Brasil”, 1936.

_____. *Scenas da vida carioca: caricaturas de Raul - Segundo álbum*. Rio de Janeiro: Oficinas Graficas do “Jornal do Brasil”, 1935.

Caricatura e humor no Brasil

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*, vol. III. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

VELLOSO, Monica. *Modernismo no Rio de Janeiro - Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996

Referências teóricas

BENJAMIN, Walter. “O autor como produtor”, in *Walter Benjamin*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, org. Kothe, Flavio; coord., Fernandes, Florestan. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 198.

CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano*. Artes do fazer. 2ª ed. Tradução. Ephraïne Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.